

# O sistema literário no Século XX

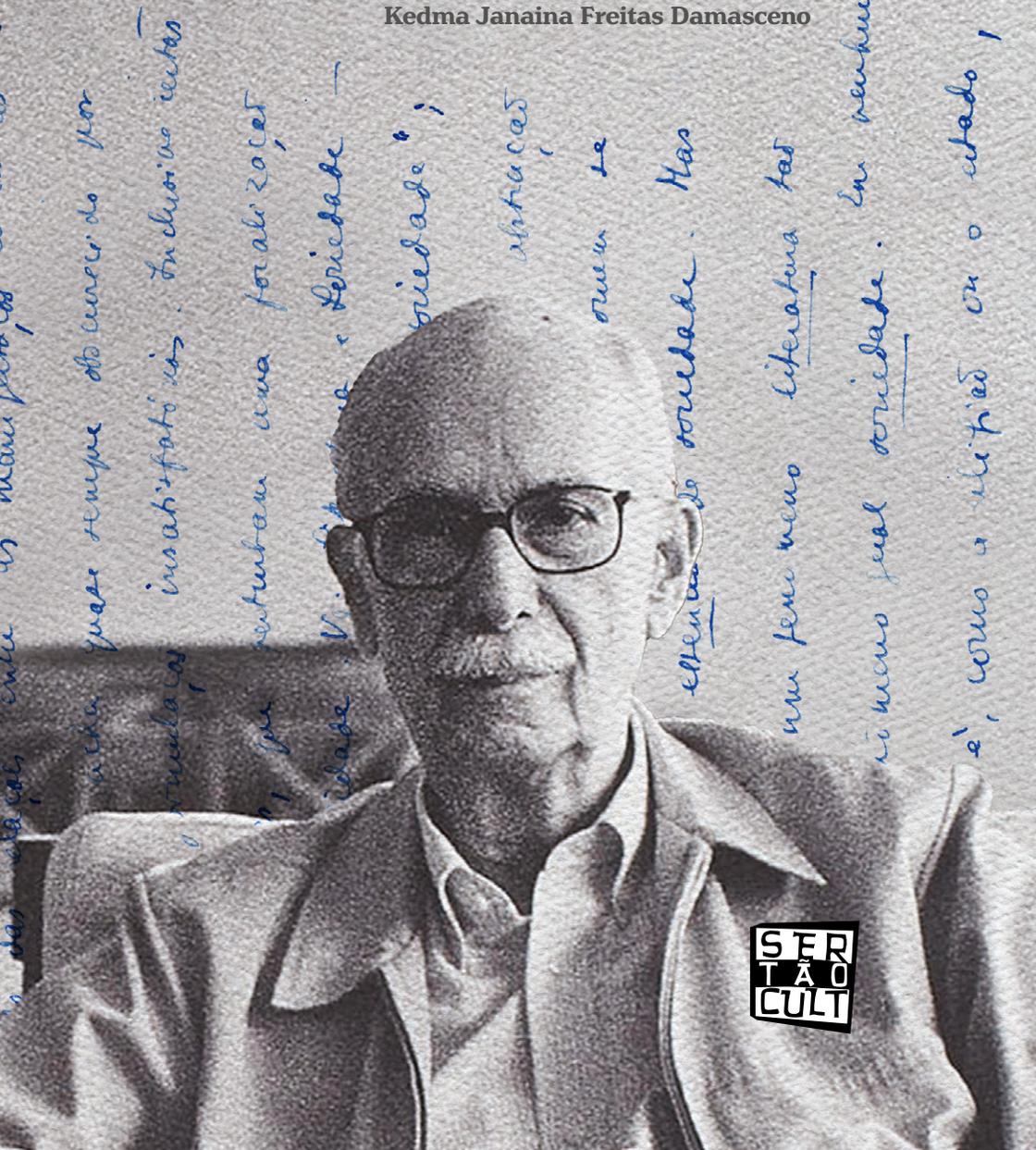
de Lima a Carolina

Organizadoras

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

Irenísia Torres de Oliveira

Kedma Janaina Freitas Damasceno



SER  
TÃO  
CULT



insabir.

ubam una paralizoges

V: Bichuwa + Soriebade -

que "no + toriebade";

se abtracas,

de

lo por

no ientro

a

1950

1950

# O sistema literário no Século XX

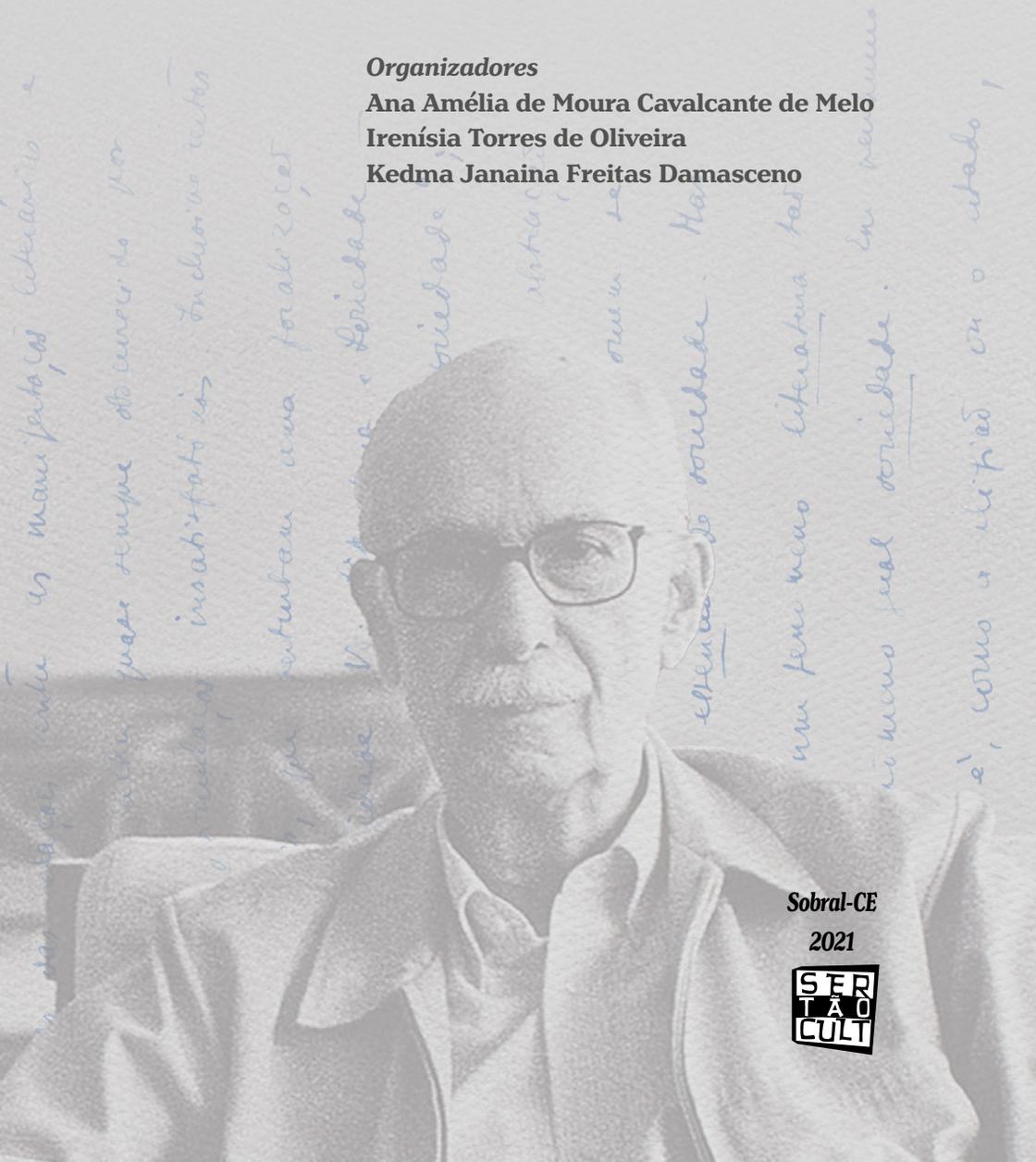
de Lima a Carolina

**Organizadores**

**Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo**

**Irenísia Torres de Oliveira**

**Kedma Janaina Freitas Damasceno**



Sobral-CE

2021





Gilda de Mello e Sousa e Antonio Candido  
em fotografia de Bob Wolferson



## O sistema literário no Século XX: de Lima a Carolina

© 2021 copyright by Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo, Irenísia Torres de Oliveira, Kedma Janaina Freitas Damasceno (ORGs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222  
contato@editorasertaoacult.com  
sertaoacult@gmail.com  
www.editorasertaoacult.com

### Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

### Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

### Conselho Editorial de História

Andréia Rodrigues de Andrade  
Antonio Iramar Miranda Barros  
Camila Teixeira Amaral  
Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Cícero João da Costa Filho  
Francisco Dênis Melo  
Geranilde Costa e Silva  
Gilberto Gilvan Souza Oliveira  
João Batista Teófilo Silva  
Juliana Magalhães Linhares  
Raimundo Alves de Araújo  
Regina Celi Fonseca Raick  
Telma Bessa Sales  
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros  
Valéria Aparecida Alves

### Revisão

Danilo Ribeiro Barahuna

### Diagramação

Francisco Taliba

### Capa

Tarcísio Bezerra Martins Filho

Fotografias: montagem a partir de fotos de Antonio Candido (Bob Wolfenson), Lima Barreto (autoria desconhecida, 1910) e Carolina de Jesus (autoria desconhecida, compõe o acervo de Audálio Dantas)

### Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

S623 O sistema literário no Século XX: de Lima a Carolina. / Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo etc.(Organizadores). – Sobral, CE: Sertão Cult,2021.

258p.

ISBN: 978-85-67960-68-5 - papel  
ISBN: 978-85-67960-67-8 - e-book - pdf  
Doi: 10.35260/67960678-2021

1. História. 2. Literatura. 3. Literatura brasileira. I. Melo, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. II. Oliveira, Irenísia Torres de. III. Damasceno, Kedma Janaina Freitas. IV. Título.

CDD 869.1



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

# Sumário

DOI: 10.35260/67960678p.7-28.2021

**UMA LIÇÃO DE RESISTÊNCIA QUANDO UM LIVRO NASCE! Apresentação dedicada à memória de Andressa Barbosa de Almeida ..... 7**

*Adelaide Gonçalves*

DOI: 10.35260/67960678p.29-62.2021

**LIMA BARRETO E O SISTEMA LITERÁRIO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX..... 29**

*Irenísia Torres de Oliveira (UFC)*

DOI: 10.35260/67960678p.63-73.2021

**EVOLUÇÃO E FORMAÇÃO DAS LITERATURAS LOCAIS ..... 63**

*Rodrigo de Albuquerque Marques*

DOI: 10.35260/67960678p.75-92.2021

**VISTO POR DENTRO: UMA ANÁLISE DAS EDIÇÕES DE FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PREFÁCIOS..... 75**

*Rafaela Gomes Lima*

DOI: 10.35260/67960678p.93-112.2021

**FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA E SUA COMPREENSÃO SOBRE O REGIONALISMO ..... 93**

*Nabupolasar Alves Feitosa*

DOI: 10.35260/67960678p.113-144.2021

**O LUGAR DO ROMANCE DE 30 NA LITERATURA BRASILEIRA ..... 113**

*José Wellington Dias Soares*

DOI: 10.35260/67960678p.145-170.2021

**O MOVIMENTO MODERNISTA NO RIO GRANDE DO SUL: SUAS CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES ..... 145**

*Ricardo Rodrigues Miranda*

*Irenísia Torres de Oliveira*

DOI: 10.35260/67960678p.171-199.2021

**AS REVISTAS NO SISTEMA LITERÁRIO: APONTAMENTOS SOBRE A REVISTA LITERATURA (1946-1948)..... 171**

*Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo*

DOI: 10.35260/67960678p.201-207.2021

**UMA REFLEXÃO SOBRE O LUGAR DA LITERATURA POPULAR  
NA HISTORIOGRAFIA LOCAL E NACIONAL..... 201**

*Marcus Sales*

DOI: 10.35260/67960678p.209-231.2021

**O CONCRETISMO E O SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO ..... 209**

*Kedma Janaina Freitas Damasceno*

DOI: 10.35260/67960678p.233-252.2021

**CAROLINA E O SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO:  
NOTAS SOBRE CLASSE E EXCLUSÃO ..... 233**

*Emanuel Régis Gomes Gonçalves*

**SOBRE AS ORGANIZADORAS..... 253**

**SOBRE OS AUTORES ..... 255**



# **UMA LIÇÃO DE RESISTÊNCIA QUANDO UM LIVRO NASCE!**

## **Apresentação dedicada à memória de Andressa Barbosa de Almeida**

*Adelaide Gonçalves*

*A*travessamos no Brasil um tempo de regressão em todos os quadrantes da vida social. O livro também é atacado. O acesso aos Livros motiva a fúria anti-intelectual do governo brasileiro, e seu ministro da Economia – aplicado aprendiz da receita fascista de Pinochet, o ditador chileno – não esconde seu propósito e assesta sua conclusão torta: “livro no Brasil é coisa de rico”, querendo justificar o aumento de preço de capa dos livros. É um andar para trás tão grande! Como afirma a historiadora Marisa Midori, da Universidade de São Paulo, e vai certa ao ponto: “a medida é imoral e anticonstitucional” e na contracorrente “dos que lutam e almejam uma comunidade de leitores e leitoras”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Ver também a Palestra: *Livro e a lei do preço fixo*, por Marisa Midori Deaecto (USP), em 17 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aRgguHVDKU4>.

Em junho de 2021, um fato de extrema gravidade ocorreu na Fundação Palmares. Embora os nefastos personagens da trama tenham chamado de descarte a retirada do acervo de 5.300 livros da biblioteca da instituição, é preciso insistir, trata-se de uma ação de “queima de livros” em virtude do seu significado. Foram atingidas pela ação de expurgo obras de autores diversos: livros de Câmara Cascudo, Michel Foucault, Eric Hobsbawm, até um romance de Nikolai Gógol, *Almas mortas*, entre muitos outros. O modo da ação, aparentemente destrambelhado, requer atenção máxima. A comunidade intelectual, professores, estudantes, pesquisadores, editores, livreiros e amantes do livro e da democracia temos o dever ético e moral de insurgência contra a ação reveladora das entranhas do regime de exceção que se pretende enraizar no Brasil desde 2016. A Justiça Federal do Rio de Janeiro determinou, em 23 de junho deste 2021, a proibição da exclusão e da danificação de obras pela Fundação Cultural Palmares. A decisão liminar pelo juiz Erik Navarro Wolkart respondeu a uma ação civil popular, condenando o expurgo e asseverando: “Livros e escritos pertencem mais a quem os lê do que aos próprios autores ou detentores dos volumes. Para tanto, livre acesso à vasta coleção de obras parece fundamental”.

Em defesa do livro livre! Esse o mote de entrada para começar esta prosa, assinalando em maiúscula e com a letra encarnada o que-fazer do Núcleo Antonio Candido de Estudos Literatura e Sociedade, na Universidade Federal do Ceará, espalhando-se para fora do limite da burocracia institucional e das exigências da ideologia do produtivismo. Se Irenísia Torres e Ana Amélia Cavalcante são suas principais animadoras, fazem-no com a camaradagem de pendor socialista acolhendo sem assimetrias aos estudantes, colegas professores e pesquisadores de distintas áreas do conhecimento. Esta publicação, ao modo de Coletânea de estudos e pesquisas, é uma sementeira do citado Núcleo. Um Tributo a Antonio Candido é

também como se pode ler este livro. Nos diversos capítulos, vamos encontrar fulgurações de seu pensamento, não como uma interessada e certificadora referência, mas como um luminoso ponto de partida ou de indagação no novelo das pesquisas. O que é certo é que a leitura anotada à margem, dialogada em sala de aula ou como fruição e partilha do pensamento, motivaram os estudos donde partiu a anotação, a pergunta, a dúvida, o diálogo frutuoso.

Vários capítulos adotam como ponto de partida os rastros das obras seminais dos Intérpretes do Brasil, e nestes situam Antonio Candido e seu *Formação da Literatura Brasileira*, recebido como “um clássico de nascença” nomeadamente quando se adensavam as explicações do Brasil, requeridas naquela conjuntura aberta nos anos de 1930 e aprofundadas nas décadas seguintes. Aqui assinalamos, em Antonio Candido, sua qualidade de intelectual público, nunca se furtando à participação aberta em iniciativas antiautoritárias, seja no chamado Estado Novo, seja na outra ditadura, a dos militares e empresários de 1964. Um empenhado intelectual de cariz socialista e incansável na lida por proclamar a literatura como direito humano fundamental; uma lição muito bem acolhida no Brasil pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, o MST, como o comprovam à larga suas publicações e as Jornadas Educativas *Direito à Literatura*, semeando livros, formando leitores e leitoras e plantando Bibliotecas como árvores da liberdade nos Assentamentos e nas Escolas do Campo.

Antonio Candido é o nome da Biblioteca da Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST, em Guararema, SP, que, em sua inauguração, em 05 de agosto de 2006, disse uma de suas mais bonitas lições, cuja leitura recomendo vivamente; ainda mais nestes tempos de caçada fascista neste Brasil (des)governado por quem nunca leu um livro e, portanto, só balbucia frases de duvidoso calão e autoria recolhida no porão das ditaduras.

O labor intelectual-militante de Antonio Candido e seu engajamento no mundo das ideias ultrapassam o molde acadêmico convencional, espalhando a semente das palavras que levantam barricadas em tantas Revistas (nalguns casos é alvo da censura do regime militar) e projetos editoriais que transcendem o círculo intelectual brasileiro, como se vê no episódio de formação da Biblioteca Ayacucho, na Venezuela, capítulo memorável cujos lineamentos se podem descortinar no epistolário de Candido e Angel Rama. Ao círculo das leituras compartilhadas, Antonio Candido pede a leitura de seu *Formação*, e estas práticas se vão observando em toda sua trajetória, inclusive sem afobamento quanto a dar à estampa seus escritos. Velha e boa lição do como fazer um livro nascer: é preciso decantar em boa pipa!

Neste livro, os estudos abrem brechas de contacto para nos animarmos às pesquisas no campo da história intelectual travejado pela história da literatura, do livro e da leitura. Os convívios, as trocas de livros, as recomendações de leitura, o mapeamento dos editores, a formação de bibliotecas pessoais e seu desbordar para formação das bibliotecas universitárias é um longo e promissor capítulo de estudos em curso (como se vê na revista “Livro”, a mais bonita publicação no Brasil). Para o capítulo da lavra de Rafaela, o descortínio do *Formação* é percebido desde sua Introdução e os seguidos Prefácios (de 1957, 1962 e 1981), sobre os quais dispõe o escrutínio da recepção. Aliás, diga-se quão primoroso é o labor de Antonio Candido na escrita de *Prefácios*. Talvez o mais citado (mais estudado?) seja seu Prefácio ao *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, cuja excelência de vistas provocaria, por vezes, inusitado efeito: quantos, ao lerem o *Prefácio*, julgaram ter lido o livro? O próprio Sérgio diria sobre a fortuna do *Prefácio* de Candido: “deu sorte”! De minha experiência leitora conservo as marcas indeléveis de alguns *Prefácios* de

Candido: um deles, a um livro magnífico – *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*,<sup>2</sup> obra organizada por Fernando Lemos e Rui Moreira Leite – alargando vistas às influências e marcas perenes entre os dois lados do Atlântico, indiciando diálogos intelectuais em luta contra os efeitos nefastos da censura, dos exílios e das ditaduras. Noutro, escrito com as tintas do empenhamento militante, ao livro *Com palmos medida. Terra, Trabalho e Conflito na Literatura brasileira*<sup>3</sup>, organizado por Flávio Aguiar, assim nos fala Antonio Candido: “No país imenso, homens espoliados passam nessas páginas privados da terra e dos mínimos vitais, oprimidos pelas diversas formas de prepotência, tratados frequentemente como se fossem solo e mato [...]”; um outro é ao *Vale a pena sonhar*, de Apolônio de Carvalho,<sup>4</sup> quando afirma: “Este livro é feito com paixão discreta e sincera [...] É o livro de alguém dotado de rara capacidade de viver rigorosamente conforme as suas convicções. No caso, convicções socialistas, [...] Pensando nessas coisas senti a força das palavras finais de Apolonio de Carvalho, a quem a vida confere uma autoridade única para afirmar a vitalidade das ideias socialistas, às quais se dedicou com uma bravura e uma lucidez que o leitor poderá verificar nesta fascinante narrativa autobiográfica.

Noutro Prefácio ao *Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana*, de Florestan Fernandes<sup>5</sup>, Antonio Candido assinala sensivelmente uma leitura fascinante de um autor que realiza sua análise pautada pelo “esforço quase obsessivo de harmonizar o saber do sociólogo com a paixão política do socialista.” E um último desta

---

2 LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira. (Orgs.). *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. Prefácio de Antonio Candido, São Paulo, Editora UNESP, 2003.

3 AGUIAR, Flavio (Org.) *Com palmos medida*. Terra, Trabalho e Conflito na literatura brasileira. Prefácio de Antonio Candido. São Paulo: Boitempo/Perseu Abramo, 1999.

4 CARVALHO, Apolônio. *Vale a Pena Sonhar*. Prefácio de Antonio Candido. São Paulo: Ed. Rocco, 1ª Edição, 1997.

5 FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana*. Prefácio de Antonio Candido. São Paulo: Ed. Queroz, 1972.

sumária lista de leitura pessoal é o Prefácio ao *Desconversa*, de Walnice Nogueira Galvão,<sup>6</sup> no qual assinala no fecho do livro da antiga aluna o “estudo alentado e desalentador sobre a política cultural do Brasil no exterior, contraprova factual de que nela, a crítica e a professora se completam pela intelectual consciente da função social da cultura”.

Em suma, os *Prefácios* de Candido são daquelas peças que convocam nossa sensibilidade. Só um leitor preguiçoso deixa de lado um livro prefaciado por Candido, é como penso. A leitura dos (muitos) Prefácios de Antonio Candido, aliás, deve levar em devida conta uma arguta observação do Autor, em vista da recepção da crítica ao seu *Formação*: nos louvores ou censuras dos críticos e noticiaristas parece ter bastado a eles a leitura de sua ‘Introdução’! Logo ele que, enfasiado por desbastar (em razão do ofício) “introduções pomposas” e prometedoras do que não entregam, escolheu o caminho da “apresentação discreta, convidando inclusive o leitor a deixá-la de lado se assim o desejasse”.

Este livro nos chega em hora necessária. Escrito com as tintas da Resistência Ativa e como um contributo às jornadas em defesa do livro livre e de nossas lutas na Universidade Pública, em nossa urgente jornada contra o obscurantismo, este propulsor do fascismo à brasileira. Muito simbólico então que o livro, pedindo leitura e escuta sensível, tenha como um fio condutor a obra de Antonio Candido. Sendo assim, trazemos para junto de Candido outro Mestre que nos deixou neste ano terrível de 2021: Alfredo Bosi, cuja obra é também inspiradora para alguns dos capítulos deste livro. Em mãos à nova edição no Brasil dos *Cadernos do cárcere*, Bosi, inspirado em Gramsci, nos dizia: “[...] Não há mãos a medir para instruir novos

---

6 GALVÃO, Walnice Nogueira. *Desconversa*. Ensaios Críticos. Prefácio de Antonio Candido. São Paulo: Ed. UFRJ, 1998.

intelectuais capazes de pensar e empreender as frentes de resistência.<sup>7</sup> Flávio Aguiar, em artigo-homenagem a Alfredo Bosi, destaca a Vida de Historiador de Bosi e conclui comovido: “Dizia eu, em minha adaptação da frase do autor do Fausto e do Werther, que “os mais velhos podem dar duas coisas aos mais jovens: raízes e asas”. Antes, José Miguel Wisnik, quando da outorga do título de Professor Emérito da USP, a Alfredo Bosi diria em homenagem: “Para ele, assumir profundamente a Universidade sempre se fez acompanhar do aviso para que não nos fechemos na sua ‘ilha de ilusão’”.

Este livro quer laborar nesta direção. Somos, ao longo de um tempo que já se conta em décadas, atentos leitores e leitoras de Alfredo Bosi por seus muitos livros e textos seminais. Por agora, como exercício de memória, vamos reler em voz alta, do *Post-scriptum à Dialética da colonização*, esta parte:

Uma civilização que foi capaz de sustentar, em meio a lutas fratricidas e em pleno surto feroz do capitalismo, o ideal dos Direitos do Homem e do Cidadão; e que conseguiu harmonizar, mediante a invenção da arte, a paixão libertária e as regras imanentes da forma nas sinfonias de Beethoven e nos poemas de Blake; e que pensou o destino do ser humano com a densidade e a beleza do Fausto, de Guerra e Paz e dos Irmãos Karamazov: eis um passado que não se encontra apenas atrás de nós, mas dentro de nós.<sup>8</sup>

Outra reflexão de Alfredo Bosi, em *Cultura como Tradição*, dialoga com o nervo deste livro. Para nosso autor, “cultura é vida pensada, é processo, é sempre um resultado que se conquista. Eu devo trabalhar os meus pensamentos para, eventualmente, escrever. Isso é cultura. Porque a cultura se constrói fazendo”. Cultura como

---

7 Publicado originalmente no Jornal de Resenhas / *Folha de S. Paulo*, nº. 34, 10 de janeiro de 1998.

8 BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

processo, cultura como trabalho, cultura como memória, cultura como ato-no-tempo. Este é fio da meada de ideias em Alfredo Bosi, que noutra escrito nos diz: “Tirei alguma lição deste itinerário que já dura meio século? Certamente a suspeita de que a cultura é um encontro tenso de espelhamentos e resistências, transparências e opacidades, o que às vezes lhe dá a figura de enigma”.<sup>9</sup> Em Bosi, aprendemos que

Na prática da cultura popular, rente ao cotidiano, existe uma sabedoria que, muitas vezes, se traduz em formas canônicas. Pode traduzir-se em historietas ou em provérbios que são, não raro, contraditórios. Existe na sabedoria popular a presença dos contraditórios, das coisas reversíveis e das coisas perecíveis. [...]. Porque nada parece definitivo na cultura do povo. Este é um dos temas recorrentes da literatura de cordel, o velho que reaparece, tudo o que ‘morreu’ continua e até pode voltar.<sup>10</sup>

Nesta senda de estudos, escutei Marcus Sales, em seu capítulo neste livro, e a modulação de sua voz, quase em lamento sobre a ausência nos *Compêndios* de determinados autores e gêneros na formação literária brasileira, sublinha alguns da literatura de cordel, e giza em maiúscula o “poeta-pássaro” Patativa do Assaré, apontando, em alguns casos, com certa propensão ao estigma e à (des)qualificação de uma linguagem por “matuta”, “errada”, em descompasso ao suposto apuro da norma culta.

Marcus Sales, animado pelos estudos de Rodrigo Marques, convida-nos a perceber o legado do cancionista popular, da poesia dos cantadores e cordelistas em vista da pergunta de partida sobre a ausência “nos manuais historiográficos da nossa literatura”, ou, como assevera Rodrigo Marques, em favor de uma *Outra História*, em seu belo estudo publicado em 2018.

9 Publicado originalmente na *Revista Estudos Avançados*, Ano 19, n.º. 55, 2005.

10 Publicado originalmente no site *Arte Pensamento*, Instituto Moreira Sales - IMS.

Reclamando uma voz de resistência, uma “possível poética de resistência ligada aos trabalhadores do campo no Ceará”, como sublinha Rodrigo Marques, ou como em Martine Kunz, uma espécie de “Revanche Poética”, pela presença de Patativa do Assaré, de Leandro Gomes de Barros ou João Martins de Athayde, Marcus Sales nos interpela: Você, caro leitor, conhece esses nomes, já ouviu sobre alguns deles na sua escola?

Em *Evolução e Formação das Literaturas locais*, Rodrigo Marques, parte do *Literatura e Sociedade* (1965), de Antonio Candido, enfiando artigos inéditos e outros antes publicados, em que aprofunda tópicos do *Formação*. Rodrigo sabe à história e assinala bem um enunciado de base no fazer historiográfico, neste olhar sobre as trajetórias intelectuais. Li o bonito capítulo de Rodrigo Marques pensando em *Caminhos entre a literatura e a história*, no qual Alfredo Bosi fala da crítica literária e da paixão necessária ao *métier*: “só os que dispunham de seiva própria puderam atravessar o areal dos esquemas linguísticos sem estiolar-se na mais triste aridez”. É quando Alfredo Bosi outra vez retoma a leitura de Gramsci, e “particularmente a resistência moral e cultural que marcara a mim e a minha geração ao logo dos anos de chumbo e levavam-me a inserir decididamente o texto literário na trama da história ideológica em que fora concebido”.

Passando a um exemplo para escapar à *armadilha da abstração*, Bosi nos lembra que,

ao estudar o romance nordestino dos anos de 1930 e 1940, um dos períodos mais ricos da história de nossa narrativa realista, vali-me do conceito de tensão entre o narrador e a sua matéria; conceito finamente elaborado por Lucien Goldmann em seus ensaios de sociologia do romance [...]. Analisando e interpretando textos em sala de aula, eu suspeitava cada vez mais que o reconhecimento da diferença

entre os níveis estético e social, embora necessário, não era suficiente. Era preciso cavar mais fundo no campo da teoria literária e da teoria da historiografia para compreender aquelas relações que não deveriam permanecer em um regime de mera exterioridade.

Para nosso autor, “A direção do olhar estabelece a perspectiva”.<sup>11</sup> E aqui estabeleci o conectivo com o capítulo *O Lugar do Romance de 30 na Literatura Brasileira*, da lavra de José Wellington Soares, intentando descortinar o contexto dos anos trinta, face à efervescência do período e aos signos da modernidade como experiência (desigual) da vida urbana, como é o caso da “*questão social como caso de polícia*”, diretiva perene até os dias de hoje, prolongando no tempo as medidas de controle e repressão sobre os de baixo.

Tal tema, de estudo em obras de distinto cariz, pode ser bem apreciado, por exemplo, na reflexão de Ângela de Castro Gomes e John French, para citar apenas dois estudos seminais. O capítulo de José Wellington também se refere aos estudos de Alfredo Bosi sobre os romances das décadas de 1930 e 1940, indagando ao autor de *História Concisa da Literatura Brasileira* sobre uma possível contradição quanto à aproximação dos romancistas de 30 ao naturalismo do século XIX. A esta pergunta segue-se um alentado feixe de indagações, quase ao modo de uma escrita de interrogação.

O capítulo *Formação da Literatura Brasileira e sua compreensão sobre o Regionalismo*, de Nabupolasar Feitosa, parte também de um feixe de argumentos do *Formação...*, de Antonio Candido, além de *Literatura e Subdesenvolvimento*, discutindo, entre outras questões, os termos *local* e *regional*, e o primeiro, em contraste com o *universal*.

*O Concretismo e o Sistema Literário Brasileiro*, de Kedma

---

11 Publicado originalmente na *Revista Estudos Avançados* Ano 19, nº. 55, 2005.

Damasceno, é o lugar onde a autora contextualiza o alvorecer do Concretismo no Brasil, e em visada arguta sobre as obras gestadas por dentro das explicações teóricas das figuras cimeiras do movimento concretista, e em particular dos “centros definidores de sentido”, também neste âmbito, São Paulo e Rio de Janeiro. O capítulo de Kedma observa o movimento se espalhando ao Ceará, acolhendo a afirmação de Haroldo de Campos, em *Contexto de uma vanguarda*. Poetas e Artistas cearenses se dispõem à experimentação; é o que vamos encontrar nas duas exposições de Arte Concreta no Ceará, em julho de 1957 e fevereiro de 1959. Seu estudo busca lastro, entre outros, no ensaio de Antonio Candido “O escritor e o público”, de 1955, assim como no *Formação...*, com o propósito de proceder a “Contextualização do surgimento do Concretismo no Brasil”, para, em seguida, propor o enquadramento do Concretismo no Sistema Literário de meados do século XX.

O esforço de análise das obras de Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto, temas de estudo neste livro, alarga-se no sentido de ampliação de uma *comunidade de leitores*. Vários são os notáveis exemplos nesta direção. Retomo aqui o novelo de Alfredo Bosi para contar o que ele contou comovido:

Lembro-me de ter freqüentado [com Ecléa Bosi, acrescento eu] um grupo de jovens de uma Comunidade de Base em Vila Yolanda, Osasco, no começo dos anos [19]70. A convite de um padre operário francês, Domingos Barbé, e de Frei Manuel Retumba, animadores daquela Comunidade, li com os jovens o romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, que é, ao lado de Guimarães Rosa, o maior narrador brasileiro do século XX. Pude comparar duas experiências de leitura e, portanto, de cultura. O mesmo texto que, proposto a meus alunos de Letras da Universidade de São Paulo, era apenas mais um exercício escolar, ganhava a força de um

testemunho quando compartilhado por aqueles leitores e leitoras da periferia, que reconheciam nas personagens de Fabiano e Sinhá Vitória as figuras de seus próprios pais e avós, migrantes do Nordeste para as cidades do Sul.<sup>12</sup>

O inspirador estudo de Emanuel Régis sobre Carolina Maria de Jesus neste livro aponta que “esses novos olhares surgiram juntos com um *novo público leitor*”, que se identificava, em diferentes graus, com a história de Carolina Maria de Jesus: *os estudantes negros* que puderam ter acesso à universidade, “um *terreno político-institucional favorável* contribuiu decisivamente para a criação de um *novo público leitor negro*” criando, segundo ele, “uma *demanda de representação, inclusive literária*”. Entretanto, se é certo que se amplia o escopo de um novo público leitor, os livros e a fruição da leitura permanecem “inacessíveis para grande parte da população”. Lima Barreto, em *Marginália*, já assinalara contristado: “A municipalidade não dá mais livros, nem lápis, nem cadernos – não dá nada! Como é que os pobres pais pobres, ganhando o que mal dá para comer e morar, poderão arcar com as pequenas despesas de manutenção de seus filhos no colégio primário?”, adiante referido no capítulo por Irenísia Torres.

Aliás, o historiador Marcos Silva (de que certamente lemos “*Detritos federais – O vômito e o silenciamento de Lucrecio Barba-de-Bodé*” e “*Policarpo é Policarpo*”), em excelente artigo a propósito da publicação de uma recente biografia de Lima Barreto, levanta problemas candentes sobre as exclusões também no mundo editorial no Brasil:

Realçar a produção literária de Lima Barreto é tarefa necessária, sem esquecer que muitos dos problemas enfrentados por ele continuam a oprimir Escritores brasileiros do presente: grandes editoras descartam originais recebidos que sequer

12 BOSI, Alfredo. *A Importância da Cultura na Construção de um Projeto Popular Alternativo*. Palestra a convite dos Dirigentes e Coordenadores do MST. Cajamar, 17 de agosto de 2003.

leram; destacados Autores são ignorados pela Academia Brasileira de Letras (Dalton Trevisan, Walnice Nogueira Galvão, Augusto de Campos etc.); resenhas na grande Imprensa permanecem vinculadas a grifes editoriais; quem vive fora dos maiores centros permanece no ostracismo; Orides Fontela (1940-1998) sobreviveu na pobreza, mesmo tendo merecido elogios de respeitadas críticas. Livros e autores continuam a ser tratados muito mal entre nós.<sup>13</sup>

O estudo de Emanuel Régis enfrenta, e bem, o debate acerca “dos tipos de hierarquias sociais que dominam” o sistema literário brasileiro, localizando as flagrantes assimetrias, apagamentos e exclusões de variada natureza, e nos apresenta dimensões da trajetória literária de Carolina Maria de Jesus, também como parte destacada deste capítulo encoberto de uma *literatura vista de baixo*. Tenho, como leitora, esperança que os estudos sobre a obra de Carolina cedam um tantinho de espaço para referir o lugar de Audálio Dantas, e não somente como *revelador de Quarto de Despejo*. Que tal lermos Audálio em *O Chão de Graciliano*, onde nos fala: “É nesse chão que Graciliano escreve três de seus romances – *Caetés, São Bernardo e Angústia* – e ambienta outro, *Vidas Secas*, assim como as memórias de infância, o livro de sua dolorosa descoberta do mundo, da tragédia da terra e do homem que a habita”.<sup>14</sup>

Audálio, um repórter atilado desde os idos de 1950, e um valente jornalista, como comprova sua luta contra a ditadura militar de 1964 e em episódios excruciantes, como é o caso da morte por tortura do também jornalista Vladimir Herzog. Aliás, Emanuel Régis assinala que “o apagamento de Carolina Maria de Jesus, enquanto figura pública e escritora”, também se explica em razão dos dispositivos

13 SILVA, Marcos. *Lima Barreto: triste visionário. A Terra é redonda*. Disponível em: <https://ater-raeredonda.com.br/lima-barreto-triste-visionario/>.

14 SANTANA, Tiago; DANTAS, Audálio. *O Chão de Graciliano*. Fortaleza: Editora Tempo d'Imagem, 2007.

de censura e repressão acionados pela Ditadura Civil-Militar no Brasil de 1964, dos longos 21 anos de arbítrio e violência, e implicando no silêncio e hostilidade aos discursos dissidentes no campo da literatura, das artes e do pensamento crítico. O capítulo faz um generoso apanhado dos escritos de Carolina, dos estudos que se debruçam sobre sua obra e dos sucessivos “achados” ensejando novas edições, reedições, estudos críticos, e agora novos leitores podem se reconhecer em Carolina, inclusive com a publicação de seus inéditos e dispersos e ampliando a leitura para suas incursões no teatro, na poesia, na música...

A vida e a obra de Carolina Maria de Jesus (1914-1977) alimentam vários estudos de jovens pesquisadores e criação literária, como se viu na Festa Literária das Periferias – quando se deu à estampa o *Carolinas*, inspiradas por escritoras negras, Carolinas a acudir nossa palavra de resistência, como então afirmou a escritora Conceição Evaristo. Neste 2021, o livro, de publicação póstuma, *Lettres à une noire* (1978) da escritora martinicana Françoise Ega (1920-1976), diário epistolar dirigido a Carolina Maria de Jesus, tem sua tradução para o Brasil por Vinícius Caldeira e Mathilde Moary, e, publicado em 2021, *Cartas a uma Negra*. A este respeito, veja-se o artigo de Maria Clara Machado Campello<sup>15</sup> dizendo de seu próprio encontro, em 2017, com a vida e obra de Françoise Ega, na França, quando então um livro de Carolina Maria de Jesus compunha seu *corpus* de estudo de tese, hoje dedicada ao estudo das correspondências literárias entre Françoise Ega e Carolina.

Entre nós, no Departamento de Literatura da UFC, foi dado à estampa, em 2019, um belo *Dossiê: Carolina Maria de Jesus*,<sup>16</sup>

15 Maria Clara Machado Campello ao *Suplemento Pernambuco* 182, abril de 2021

16 BERGAMINI, Atilio. *Cadernos de Estudos Literários*, Ano I, Número 1, Dossiê Carolina Maria de Jesus. Ensaios de Andressa Barbosa de Almeida, Andressa Cristine da Silva Moreira, Karina de Moraes e Silva, Robson Nogueira Moreira e Wesley Lucas Batista da Silva. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2019.

organizado pelo professor Atilio Bergamini, reunindo ensaios de Andressa Cristine, Wesley Lucas, Karina de Moraes, Robson Moreira e Andressa Barbosa; estudos que, além da qualidade de pesquisa e reflexão, demonstram a possibilidade de edição dos materiais fruto da experimentação do debate e da escrita, modulados pelas vozes em diálogo num grupo de estudos numa universidade pública. Mais que um alento, um convite à leitura pública e ao debate!

E aqui homenageamos a Andressa Barbosa de Almeida, que nos deixou tão cedo neste ano terrível de 2021, e cuja Carta Aberta de Atilio Bergamini pede nossa leitura.<sup>17</sup> Ali, o professor evidencia a qualidade leitora de Andressa, em seus modos de ler os livros e o mundo – amorosa, vivaz e inquieta ante os sofrimentos sociais do tempo e entusiasmada com as causas públicas. Na publicação atrás referida, Andressa Barbosa escreve o ensaio “Diário de Bitita e Quarto de despejo: uma história de continuidade”, no qual assim conclui: “Temos escrevivências, no sentido que Conceição Evaristo dá ao termo, da trajetória de vidas negras que lutam pela sobrevivência, por igualdade e dignidade. Historicamente, resistimos a um sistema genocida, contra a constante tentativa de apagamento de nossas histórias. Vivemos em um momento em que nós, negros, estamos ocupando os espaços negados e protagonizando nossas próprias histórias, graças às muitas lutas. Carolina deve ser considerada uma das intérpretes do Brasil, pois descreve a realidade do povo negro brasileiro como ninguém, onde estes mais são afetados: na fome, seja ela não só do alimento, mas também de humanidade”.<sup>18</sup>

---

17 *Carta Aberta do Professor Atilio Bergamini em Memória de Andressa, aluna do curso de literatura na Universidade Federal do Ceará*. Compartilhada em 21 de junho de 2021 <https://www.facebook.com/PlebeuGabineteDeLeitura/>.

18 BERGAMINI, Atilio. *Cadernos de Estudos Literários*, Ano I, Número 1, Dossiê Carolina Maria de Jesus. Ensaios de Andressa Barbosa de Almeida, Andressa Cristine da Silva Moreira, Karina de Moraes e Silva, Robson Nogueira Moreira e Wesley Lucas Batista da Silva. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2019.

Neste livro, o estudo primoroso de Irenísia Oliveira, *Lima Barreto e o sistema literário nas primeiras décadas do século XX*, como de hábito, nos aprovisiona de conhecimentos singulares sobre a biografia intelectual de Lima Barreto, entre outras lições. Aliás, diga-se como lição de escrita: como são bons os intertítulos na prosa de Irenísia! Atendendo ao fio condutor do livro, a Autora segue em frutuosa leitura de Antonio Candido no *Formação*, no ensaios *Literatura e Cultura*, *A literatura na evolução de uma comunidade*, e apoiada também em outros estudos abalizados segue em busca do tempo daquela ‘república dos intelectuais’ e dos rastros de Lima Barreto como em seu *Recordações...*, em que o poder desmesurado da imprensa – “engenhoso aparelho”, e seus “pedacinhos de chumbo, uma máquina Marinoni e a estupidez das multidões” – manobra a vida social e política. Lá se vão os intelectuais tidos como consagrados aos lugares *aglutinadores* na paisagem social do Rio de Janeiro: a redação dos jornais, as livrarias, a Casa Editorial Garnier... Irenísia giza boas passagens de Lima Barreto, este escritor que “não adestra a pena e não verga o espírito aos mandarins da política.”, como dito por seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa. No ensaio *Uma Cidade, Dois Autores*, Walnice Nogueira Galvão assinala sobre Lima Barreto:

é um pária, *não se sente em casa na cidade* do Rio, principalmente em função de sua cor e de sua condição social – *andava enxovalhado, era mal-apeçoado e nada respeitável. Em seu olho agudo de pária, fisga as diferenças sociais, o que sentem os negros, os pobres e as mulheres. Lima Barreto morava no subúrbio pobre, frequentava os cafés e bares de má-reputação, era cliente de hospícios e hospitais – todos, espaços que assombram sua ficção e diários íntimos.*<sup>19</sup>

E Alfredo Bosi, numa passagem de um belo discurso, afirma: “Chegada a belle époque, Afrânio Peixoto atribui à literatura o papel

19 GALVÃO, Walnice Nogueira. *Desconversa*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

de ‘sorriso da sociedade’, ao passo que Lima Barreto nos dá a narrativa autobiográfica do mestiço humilhado e ofendido no Rio que se civilizava sob as reformas do prefeito Pereira Passos. E Euclides da Cunha compunha a epopéia trágica do sertanejo massacrado em Canudos”.<sup>20</sup>

No estudo de Irenísia, vamos vendo os jogos de conveniência e quejandos como exigência para “alcançar a palma literária” e algum desejo de consagração. Lima Barreto reclama da divulgação dos livros nas seções de *a pedidos* nos jornais, vendo ali uma forma de *conveniente apadrinhamento*, tendo que recorrer a *tomar dinheiro daqui e dali* até chegar ao impressor. Falto de recursos e em franco desespero com a penúria, vê-se na contingência de vender os direitos de autor por insignificantes setenta mil réis de seu *Notas sobre a República das Bruzundangas*, e no mesmo ano amarga dívidas para dar à lume a segunda edição das *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.

Carmem Negreiros, em seu artigo de maio de 2021, *Múltiplas faces de Lima Barreto*, sublinha questões de relevo sobre o escritor, por exemplo, seu pendor como “pesquisador e estudioso com um método peculiar: colecionar ‘retalhos’, ou recortes de jornais”, organizados em cadernos onde vai cerzindo “estudos e esboços de textos iniciais para contos e romances”. O fato é bem destacado por Francisco de Assis Barbosa em face de sua lida na organização dos papéis e manuscritos, revelando Lima Barreto como “um escritor organizado, com sua vida intelectual perfeitamente ordenada e até mesmo carinhosamente arquivada.”

De relevo também são as observações de Barbosa sobre os escritos de Lima, suas notas de leitura, seus diários, enfim, vasta matéria do dedicado biógrafo, trazidos neste livro pelo estudo de Ana Amélia.

---

20 BOSI, Alfredo. *Gratidão e memória*: discurso proferido por ocasião da entrega do título de Professor Emérito da FFLCH-USP. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003026113>.

Um leitor imparável, como se sabe por sua Biblioteca. Lima Barreto legou à literatura brasileira o seu “doce, bom e modesto Policarpo, que paga com a vida por concluir que *a pátria era um mito*”, ou como *Clara dos Anjos*, que “aprende a olhar e ver”, na anotação de Carmem Negreiros, para quem “O criador de Policarpo Quaresma suspeita do olhar pedagógico dos mensageiros do progresso e questiona o aparato cientificista do controle sobre os sujeitos e a cultura. Para ela, “Aí reside a força de sua literatura –rebuscada, crítica, atenta e, em última instância, militante”.<sup>21</sup>

Uma escrita militante é o que lemos no capítulo *Literatura e Política em Revista*, em que Ana Amélia Cavalcante nos oferece uma visada arguta sobre a conjuntura em análise a partir da revista *Literatura*, em circulação no Rio de Janeiro de 1946 a 1948. Extensa leitura e vastas referências documental e bibliográfica, e, neste caso, com especial destaque aos estudos sobre o Partido Comunista Brasileiro em seus conectivos com a cultura e as artes, o campo intelectual, a literatura militante, os escritores e o partido, o associativismo dos escritores, o periodismo de extração comunista, o realismo socialista, a censura.

O estudo apresenta a revista *Literatura* em riqueza de detalhes e abre nosso diálogo com a História do Livro no Brasil. Ler o estudo de Ana Amélia me pôs a entrelaçar outras leituras de feito aparentado, como quando li a *Batalha dos Livros, Formação da Esquerda no Brasil*, de Lincoln Secco<sup>22</sup>, e *Edição e Revolução: Leituras Comunistas no Brasil e na França*, organizado por Marisa Midori e Jean-Ives Mollier<sup>23</sup>, em busca do fermento das *leituras comentadas* nos modestos salões

---

21 NEGREIROS, Carmem. Múltiplas faces de Lima Barreto. *A Terra é redonda*. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/multiplas-faces-de-lima-barreto/>.

22 SECCO, Lincoln. *A Batalha dos Livros. Formação da Esquerda no Brail*; Cotia: Ateliê Editorial, 2018

23 MIDORI, Marisa; MOLLIER, Jean-Ives Mollier. *Edição e Revolução: Leituras Comunistas no Brasil e na França*, Ateliê Editorial/Editora UFMG, 2013.

operários, do lugar dos livros, dos projetos editoriais, das editoras, das seções *o que devemos ler* e *nossa biblioteca* nos jornais anarquistas, socialistas e comunistas.

E os estudos sobre as Bibliotecas, ao mesmo tempo em que nos revelam um repertório e os modos de leitura, trazem-nos um quanto da destruição dos livros pelas ditaduras em tantos lugares. As Bibliotecas amealhadas ao longo de uma vida intelectual frutuosa é um tema que nos fascina e alguns estudos no Brasil nos oferecem matéria de relevo, como o de Heloísa Fernandes, entrelaçando histórias de Amor aos Livros e às reminiscências de seu pai, nosso “Florestan”.<sup>24</sup> A revista *Literatura*, tão bem estudada por Ana Amélia, ainda que veiculasse anúncios de *pasta de dentes e sabão*, é o lugar de anúncios de editoras, revistas e jornais, lançamentos de livros e coleções de clássicos, o que nos garante um apanhado dos títulos, repertórios de leituras, traduções, com ênfase no projeto editorial do PCB, na “Seção Cultural” nos impressos comunistas e nos efeitos da censura e controle dismantelando gráficas, editoras e livrarias. E prendendo Autores. O capítulo cuida ainda de nos oferecer traços da vida militante de intelectuais de proa na fatura da revista, ou nela escrevendo, sobre a criação da Associação Brasileira de Escritores, seus signatários, seu Primeiro Congresso Nacional, as correspondências e alianças com o associativismo de artistas revolucionários e intelectuais antifascistas.

Uma perspectiva internacionalista é patente na revista, seja nas presenças por escrito, como nos Manifestos ou na seção dedicada às revistas estrangeiras por Moacyr Werneck de Castro. Temas diversos; alguns de acento doutrinário ou sobre os fatos candentes da conjuntura e outros de pendor histórico, além de registros de intervenção

---

24 FERNANDES, Heloísa Rodrigues. Amor aos livros – reminiscências de meu pai em sua biblioteca. In: MARTINEZ, Paulo Henrique (Org.). *Florestan ou o sentido das coisas*. São Paulo: Boitempo, 1998.

política, vazados com o timbre do Protesto contra a repressão e a censura estampados.

Na revista aqui estudada se vê a presença intelectual de Lucia Miguel Pereira (em extenso artigo sobre a escrita de Lima Barreto e Machado de Assis), Francisco de Assis Barbosa, Graciliano Ramos, Otto Maria Carpeaux, Moacyr Werneck de Castro, Manuel Bandeira, Nelson Werneck Sodré, Paulo Cavalcanti, Dalcídio Jurandir... Algumas seções da revista, como *Os Dias e as Obras e Vozes do Mundo*, merecem destaque desde o título. Neste ponto, fiquei deveras curiosa quanto a uma ausência na revista *Literatura* sobre as relações no período entre escritores brasileiros e portugueses de filiação comunista, nomeadamente aqueles do Neo-Realismo em Portugal. A Biblioteca de Alves Redol (para citar apenas uma) em Lisboa é recheada de títulos do Brasil – Graciliano, Amado, Lins do Rego – e vasta ligação antifascista por dentro também dos enlaces que se dão no Congresso Mundial de Intelectuais em Defesa da Paz, na Liga de Intelectuais Anti-Fascista, noutros Encontros e no intercâmbio de revistas, periódicos e livros, estes motivando resenhas e leituras de intervenção.

O capítulo *O movimento modernista no Rio Grande do Sul*, por Ricardo Rodrigues e Irenísia Torres, resulta da pesquisa “*Um mapa da difusão do Modernismo nos estados brasileiros*”. Modelado pela disposição de cartografar estudos e pesquisas sobre o alvorecer e consolidação do Modernismo no Rio Grande do Sul, nas décadas de 1920 a 1930, examinam os estudos disponíveis, o periodismo gaúcho e em suas páginas o delineamento dos conflitos, antagonismos, características e os específicos nos debates por impresso e a circulação das ideias modernistas, assinalando Augusto Meyer como figura de proa do Modernismo gaúcho. O desenho do mapa busca, nos estudos examinados, as contradições, as singularidades,

os específicos, as polêmicas, sua historicidade e nexos próprios do Modernismo em outras regiões do país, e não como uma realização estendida da Semana de Arte Moderna, em São Paulo de 1922.

Para além, o estudo nos situa frente a um repertório de estudos de destaque em distintas regiões do país sobre o Modernismo e também nos oferece um veio de contacto com a história da imprensa como história intelectual e seus mediadores, como nas páginas literárias do periodismo gaúcho, nas quais se acende o debate cultural, dando a perceber que o “Modernismo gaúcho não foi apenas um galho ou um prolongamento dos modernos da terra do café”. E aqui busquei pontos de contacto com o estudo de Francisco Foot Hardman, *Antigos Modernistas*, em que destaca que [...] Boa parte da crítica e das histórias culturais e literárias produzidas desde então [1922] construíram modelos de interpretação, periodizaram, releeram o passado cultural do país; enfim, com as lentes do movimento de 1922. Atados em demasia à noção de ‘vanguarda’ (vanguardas estéticas, vanguardas revolucionárias, vanguardas do pensamento nacional ou consciência do ‘nacional-popular’), tais esquemas, em flagrante anacronismo, ocultaram processos culturais relevantes que se gestaram na sociedade brasileira, a rigor, desde a primeira metade do século XIX. Tais efeitos, paralelos e nocivos, têm se verificado, segundo o autor, na “exclusão de amplo e multifacetado universo sociocultural, político, regional, que não se enquadrava nos cânones de 1922, em se tratando, embora, de processos intrínsecos aos avatares da modernidade.”<sup>25</sup>

Esta prosa já se estende em demasia e pede um ponto final, não sem antes agradecer aos Autores e Autoras desta Coletânea e firmar nosso elogio à leitura, como dito em bonita palestra de Olgária Matos: “A educação humanista, formadora, encontrava na leitura o

25 HARDMAN, F. Foot. *Antigos modernistas*. In: *A vingança da Hileia*. São Paulo: Unesp, 2009. [1ª. ed.: In: *Tempo e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1992].

procedimento nobre por excelência. Atividade paciente, é experiência simbólica e temporal que trabalha nosso mundo interior. Que se pense em todas as experiências da cultura que requerem tempo, à distância do cronômetro do dia da produção, da gestão e do mercado. [...] Uma vida examinada nas obras de cultura requer tempo – à distância do taylorismo do espírito”.<sup>26</sup>

*Fortaleza, julho de 2021*

---

26 MATOS, Olgária. Texto apresentado no Congresso acadêmico da Unifesp-2021.



Este livro foi composto em fonte Adobe Garamond Pro, impresso no formato 15 x 22 cm em pólen 80 g/m<sup>2</sup>, com 258 páginas e em e-book formato pdf.  
Impressão e acabamento: Gráfica Bueno Teixeira  
outubro de 2021.

**Saiba como adquirir o livro  
completo no site da SertãoCult**

[www.editorasertaocult.com](http://www.editorasertaocult.com)

Editora

**SER  
TÃO  
CULT**

Em defesa do livro livre! Esse o mote de entrada para começar esta prosa, assinalando em maiúscula e com a letra encarnada o que-fazer do Núcleo Antonio Candido de Estudos Literatura e Sociedade, na Universidade Federal do Ceará, espraiando-se para fora do limite da burocracia institucional e das exigências da ideologia do produtivismo. Se Irenísia Torres e Ana Amélia Cavalcante são suas principais animadoras, fazem-no com a camaradagem de pendor socialista acolhendo sem assimetrias aos estudantes, colegas professores e pesquisadores de distintas áreas do conhecimento. Esta publicação, ao modo de Colefânea de estudos e pesquisas, é uma sementeira do citado Núcleo. Um Tributo a Antonio Candido é também como se pode ler este livro. Nos diversos capítulos, vamos encontrar fulgurações de seu pensamento, não como uma interessada e certificadora referência, mas como um luminoso ponto de partida ou de indagação no novelo das pesquisas. O que é certo é que a leitura anotada à margem, dialogada em sala de aula ou como fruição e partilha do pensamento, motivaram os estudos donde partiu a anotação, a pergunta, a dúvida, o diálogo frutuoso.

